

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 110

Porongos

Controvérsia Infundável



Lanceiro Negro
Óleo sobre tela
Obra de Vasco Machado





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

Este Informativo da AHIMTB/RS traz dois assuntos controvertidos, embora longínquos no tempo: a controvérsia de Porongos, na Guerra dos Farrapos e a primeira hecatombe mundial, a Grande Guerra de 1914/18. Tanto um como o outro, por recorrência, são submetidos a diversas interpretações ao longo do tempo. Interesses diversos balizam estas interpretações. Algumas exageradas, outras pertinentes e outras, ainda, insuficientes e superficiais.

Aqui estão mais duas colaborações nossas ao debate. Sobre Porongos, cabe-nos defender o Patrono do Exército. Sobre a Primeira Guerra Mundial temos a dizer que ela tem suas raízes na Guerra Franco-Prussiana de 1870/71, que "inaugurou" o Século XX e foi a catapulta para a Segunda. Neste número, como parte das intrincadas relações que envolveram o conflito, um de nossos Membros-Efetivos aborda a morte do poder imperial russo, através do assassinato de Nicolau II e de sua família.

O trabalho de divulgação da História Militar continua, mesmo com as restrições orçamentárias. O site da AHIMTB/RS vem mostrando um bom volume de acessos e de tráfego.

Prosseguimos, portanto, na faina diária com a História. Como já foi dito no Editorial anterior, este Informativo chega até Portugal, onde a FAHIMTB possui uma Delegacia, sediada em Lisboa, na figura do Dr. Rui Vargas, que já tem prestado diversas colaborações com sua abalizada opinião.

O efeito multiplicador continua sendo motivo de agradecimento aos destinatários.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 PORONGOS, MAIS UMA VEZ

por Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Uma contribuição, do Presidente da AHIMTB/RS, para a infindável discussão sobre a Batalha de Porongos.

12 O ASSASSINATO DOS ROMANOV

por Fabricio Gustavo Dillenburg

O Membro Efetivo da AHIMTB/RS narra o monstruoso magnicídio da família Romanov, pelos bolcheviques.

19 MAIORIDADE

A Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) chega aos 18 anos, com muito para se orgulhar.



Cabeça de Lanceiro Negro
Óleo sobre tela
Obra de Vasco Machado

Porongos

Mais Uma Vez

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Vasco Machado

Nesta edição de "O Tuiuti" o IHGRGS retorna ao recorrente tema de 'Porongos' para transcrever um extrato da obra abaixo referenciada, de um historiador gaúcho consagrado, Walter Spalding. Sua opinião é relevante e não pode ser relegada. Somente foram omitidas as notas. Vamos aos fatos.

SPALDING, Walter. Farrapos! Porto Alegre: Selbach, 1935, p. 185/201

Porongos! Que de intrigas precederam e se seguiram ao recontro das forças de Chico Pedro e Canabarro no célebre Cerro dos Porongos!

Há muito vinha o coronel Francisco Pedro de Abreu buscando um meio de bater completamente o general David Canabarro. A empresa, porém, era difícil apesar da reconhecida habilidade do Moringue em surpreender o inimigo. É que Canabarro era hábil também e não se deixaria surpreender tão facilmente. Um torneio de habilidade entre os dois seria um verdadeiro problema para ser julgado.

Entretanto, na madrugada de 14 de novembro de 1844, quando já se havia tratado da paz, Chico Pedro surpreende o general em chefe dos farrapos, que foi completamente destroçado, escapando-se, com mais "dois generais por bem montados, e os cavalos das forças legais estarem abombados das violentas marchas de noite e embuscado de dia".

A culpa principal deste insucesso de Canabarro cabe não propriamente aos moti-

"MORINGUE POSSUÍA HABILIDADE EM SURPREENDER O INIMIGO. CANABARRO TAMBÉM ERA HÁBIL E NÃO SE DEIXARIA SURPREENDER TÃO FACILMENTE."

vos alegados por ele, pois mais de uma vez advertiu-o o general Neto do perigo, mas sim ao "rabo de saia", à "safadíssima Papagaia" que fazia Canabarro roubar "à Pátria em pueris conversas horas que só à Pátria deve, pela posição em que está colocado". Foi essa Papagaia - Maria Francisca Duarte - esposa do farmacêutico João Duarte, que fazia as vezes de cirurgião do exército, a grande culpada do afrouxamento da energia de Canabarro que se apaixonou por ela a ponto de relaxar muitíssimo o comando do exército farrapo, do qual era general em chefe.

Se este fato desmoralizou um tanto o caráter de David Canabarro, mais ainda o desmoralizou, pelo menos por

algum tempo, a bem forjada intriga do coronel Francisco Pedro de Abreu.

Alfredo Varela até hoje sustenta ter sido Canabarro um traidor. Mas tal não há. Canabarro foi confiante em demasia e relaxado também. Confiante, porque já se estava tratando da pacificação, embora sem suspensão de armas, conforme se pode ver nessa carta do Barão de Caxias ao general Bento Gonçalves da Silva:

Foi-me entregue hoje a carta que me fez a honra de escrever com data de 13 do corrente devolvendo-me o salvo conduto que me havia sido pedido em seu nome pelo Ismael, por isso que julgo que ele não satisfaz plenamente seus desejos. Se são sinceros seus desejos de ver concluída a guerra que nos devora e tem confiança em que serei capaz de empenhar todos os meus esforços para que ela se conclua de uma maneira digna para o Governo de quem sou Delegado nesta Província, e dos Riograndenses comprometidos na revolução, pode mandar ao meu campo a pessoa em quem fala, para disso tratar. Devendo ficar na inteligência de que qualquer arranjo que tenha a levar a efeito, nunca terá

por base a suspensão de armas.
- Pontas do Piraisinho, 22 de outubro de 1844.

Ignoraria Canabarro essa carta? Ignorasse, ou não, a confiança era demasiada, mormente sabendo, como sabia, pois mais de uma vez fora avisado por Neto e outros, que Chico Pedro o estava procurando para um combate decisivo. Relaxado também foi Canabarro nesse último ano da revolução, e em especial nesse caso de Porongos. E foi por causa desse seu relaxamento, todo entregue ao amor de Maria Francisca, a Papagaia de olhos assassinos, que se tornou confiante, a ponto de dizer, sorrindo, para o general Neto quando este o advertiu do perigo: - O Moringue, sentindo minha catinga, não vem cá.

Como o cegaram os olhos de Maria Francisca! Bem caro lhe custaram esses amores: sofreu as dores da derrota e, talvez mais do que essas, as que lhe haviam de causar a carta apócrifa, forjada por Chico Pedro que a atribuiu, depois, a Caxias

A INTRIGA

Conforme ficou dito, há muito vinha Chico Pedro planejando um meio de bater David Canabarro, "único que lhe faltava bater dos chefes rebeldes", como o confessa nas suas já citadas Memórias. Para



isso empreendeu, em setembro de 1844, uma expedição com o fim de desinquietar algumas vilas como Camaquã, Dores, e outras, que estavam sendo "afligidas" pelos farrapos e, desse modo, certificar-se, também, do paradeiro de Canabarro. Do Rio Grande enviou, num cutter, o alferes João Patrício com sua gente para a Barra do Velhaco, com ordens de procurar saber com a máxima exatidão o lugar em que se achava o general David Canabarro. João Patrício desempenhou-se admiravelmente do papel que lhe fora confiado, levando a Chico Pedro a posição exata das forças de Canabarro no Cerro dos Porongos, para onde se encaminhou no dia 10 de novembro com um cuidado e sigilo verdadeiramente admiráveis.

Com Canabarro, no Cerro dos Porongos, estavam Neto com a sua cavalaria, e Joaquim Teixeira Nunes com sua famosa infantaria negra. As forças farrapas compunham-se de

CONTROVÉRSIA ^

Porongos permanece como um dos pontos mais debatidos da História do Rio Grande Sul, fruto de discussões intermináveis, muitas delas calcadas em mitos e enganos.

cerca de 1.200 homens. Destes, porém, enviara dias antes, cerca de 600 em auxílio do general Portinho que se batia nas pontas do arroio Quebracho. Assim, pois, a força acampada no Cerro não ia além de 600 homens. Chico Pedro já o sabia e por isso apressava mais a marcha. Os imperiais possuíam 1.170 praças, bem armadas e municadas.

Como se vê, pelas forças de ambos as partes, não havia necessidade alguma de Chico Pedro querer desmoralizar Canabarro e surpreendê-lo. Não havia necessidade. A vitória seria, fatalmente, de Moringue. Um espírito diabólico, porém, levou-o a querer a destruição e desmoralização completa do chefe do exército farrapo, pois era ele o único, pode-se dizer, que resistia ainda com destemor e galhardia

às investidas das forças imperiais sob o comando do grande Caxias.

E forjou o plano, alta noite, enquanto, com seus soldados, no maior silêncio, viajavam rumo a Porongos. Escreveria uma carta, imitando a letra de Caxias tanto quanto possível, carta a ele, Chico Pedro, dirigida, e na qual se trataria de demonstrar que Canabarro combinara com o Barão a entrega de tudo quanto possuía a força farrapa sob seu comando, devendo, porém, para não despertar suspeitas, dar a esta rendição a aparência de um combate, ou surpresa, da qual somente ele, Canabarro, e Vicente Lucas de Oliveira pudessem fugir.

Forjado o plano, tudo bem preparado, calculado até, com exatidão matemática, dia e hora em que esperava surpreender Canabarro, em Porongos, chamou o major João Machado de Moraes, hábil calígrafo, a quem confiou o plano, perguntando, em seguida:

- *Será V. capaz de imitar fielmente, ou tanto quanto possível a letra de Caxias?*

- *Talvez o possa. Devo, porém, antes, examiná-la bem.*

Antegozando as delicias da intriga, disse-lhe, então, Chico Pedro: - Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro, fingindo um ofício de Caxias para mim, dizendo que no dia tal, mais ou menos, vá ata-

ca-lo, visto haver entre ele e o Barão de Caxias um convênio para se deixar surpreender e derrotar. Estava, pois, assentado o plano. Era só executá-lo.

A CARTA

Depois da marcha de uma noite inteira, acampou Chico Pedro nos matos do Passo do Piquerí, próximo à Quinta do Bibiano, para que seus soldados pudessem descansar das agruras da marcha que seria recomeçada ao escurecer, afim de viajar sempre às ocultas.

E enquanto os seus soldados dormiam - na sua barraca, à sós com o major João Machado Moraes, Chico Pedro dava cabo à mais infame das intrigas. Com algumas cartas de Caxias na sua frente, Moraes escrevia, o que lhe ia ditando Chico Pedro. Mas como este tinha um português péssimo, era mister corrigir as frases e imitar o estilo do Barão. Findo

o ditado, Moraes deu ainda alguns retoques no que escrevera e, em seguida, leu, a meia voz o seguinte:

Ilmº. Sr. - Regule suas marchas de maneira que, no dia 14, às duas horas da manhã, possa atacar a força ao mando do Canabarro, que está nesse dia do cerro dos Porongos. Não se descuide de mandar bombear o lugar do acampamento, de dia, devendo ficar bem certo de que ele há de passar a noite nesse mesmo acampamento. Suas marchas deverão ser mais ocultas que possível seja, inclinndo-se sempre sobre sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas ajustarão suas observações sobre o lado oposto. No conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, principalmente da gente bran-

CURIOSIDADE DIGITAL v

A iconografia dos farrapos (e dos lanceiros negros) serve de inspiração até para a criação de personagens em jogos de computador, que são sucesso internacional, como "Assassin's Creed".



ca da província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente inda nos pode ser útil no futuro. A relação junta é das pessoas a quem deve dar escápula, si por casualidade cairem prisioneiras. Não receie a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um ministro e de seu general em chefe, para entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas, que são os únicos que sabem de tudo, forem prisioneiros, deve dar-lhes escápu-la, de maneira que ninguém possa, nem levemente, desconfiar, nem mesmo os outros, que eles pedem que não sejam presos, pois bem deve conhecer a gravidade deste secreto negócio, que nos levará em poucos dias ao fim da revolta desta província. Se por acaso cair prisioneiro um cirurgião ou boticário de Santa Catarina, casado, não lhe reviste sua bagagem, nem consinta que ninguém lhe toque, pois com ela deve estar a do Canabarro. Se por fatalidade não puder alcançar o lugar onde lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá deferir o ataque par o dia 15 às mesmas horas, ficando bem certo de que neste caso o acampamento estará mudado um quarto de légua mais ou menos por essas imediações em que estiverem no dia 14. Se o portador chegar a tempo de que essa importante empresa se possa efetuar, V. S. lhe dará seis onças, pois ele me promete entregar em suas mãos este ofício até às 4 horas da tarde



CANABARRO ^

David Canabarro permanece como figura central nas discussões, alvo de múltiplas defesas e acusações, sem que uma definitiva resposta possa ser, por enquanto, atingida.

do dia 11 do corrente. Além de quanto lhe digo nesta ocasião, já V. S. deverá estar bem ao fato do estado das coisas pelo meu ofício de 28 de outubro e por isso julgo que o bote será aproveitado desta vez. Todo o segredo será indispensável nesta ocasião e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo. Deus guarde a V. S. - Quartel General e do Gomando em Chefe do Exército em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844. - Barão de Caxias.

Chico Pedro bateu palmas. Bravos! Muito bem! Com esta acabo de vez com a fama e o nome de Ganabarro, mesmo em caso de um fracasso, isto é: de não poder realizar a surpresa com a qual sonho e a tanto venho premeditando. Moraes passou cuidadosamente a limpo, imitando perfeitamente a letra de Caxias, o famigerado ofício. Chico Pedro, rindo por todo o corpo, antegozando o efeito de seu satânico plano,

dobrou cuidadosamente a carta e a pôs no bolso.

Do Piquerí seguiram, sempre em marcha forçada, para Piratini onde, então, se encontrava Caxias. Aí mostrou-lhe o coronel Francisco Pedro de Abreu o suposto ofício.

"Caxias, - diz Alfredo Ferreira Rodrigues - desejava a paz, fizera concessões sem autorização expressa do governo, para facilitar a execução dela; tinha, pois, interesse em aproveitar tudo que concoresse para ela. Achou necessariamente o plano pouco leal, mas o mal estava feito e deixou que o ofício corresse sem desmentido". Além disso, se Caxias desmentisse o tal ofício apócrifo, perderia, talvez, a coadjuvação agora mais do nunca necessária, do famoso guerrilheiro das hostes do império. E foi

esse temor que também, por certo, fez com que Caxias se calasse. Naquele lufa-lufa da guerra, cheio de preocupações, o insigne barão nem sequer se lembrou do que poderia acontecer, mais tarde, nos domínios da história. Nunca imaginou que essa fraqueza a que foi arrastado pelas contingências da guerra e do satanismo de um seu comandado, viesse, um dia, macular-lhe o nome impoluto, aquele nome que tanto prezava e por cuja dignidade e honra norteava a sua conduta e vida, mesmo nas cousas menores.

Próximo a Piratini residia um exaltado republicano, então muito conhecido, João Rodrigues Barbosa, a quem Moringue foi, em seguida, mostrar a tal carta, reservadamente, mas já sabendo que seria logo divulgada. Barbosa ficou indignado. Para ele Canabarro ficou abaixo do mais ínfimo animal. E para desmoralizar completamente o "tratante", solicitou a Chico Pedro licença para tirar uma cópia da car-

ta, no que consente, jubiloso, sem se lembrar da frase final que mandara escrever: "todo o segredo será indispensável nesta ocasião e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo". Com a cópia tirada por Barbosa, a carta se tornou pública. Ninguém mais a ignorava em toda a vila, e Canabarro era amaldiçoado.

Mas o cinismo de Moringue não parou aí. Foi além. Leu, em voz alta, o tal ofício para que fosse ouvido por todos e em especial pelos republicanos presos, soldados e sargentos. E enquanto Chico Pedro assim procedia, no acampamento farrapo um mal entendido, ou sabe Deus que, serviu para comprometer ainda mais ao general Canabarro, comprovando o que Chico Pedro dizia no celeberrimo ofício: "Não

CAXIAS, 1877 v

A defesa de Caxias, patrono do Exército, não é difícil. Sua ilibada reputação e sempre elevado senso de honra permitem que se duvide de qualquer golpe à traição.



receie a infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem ... de entregar o cartuchame sob o pretexto de desconfiarem dela".

Canabarro, realmente, dera ordem à infantaria de João Antônio para recolher a munição, que lhe seria novamente entregue no momento oportuno.

Félix de Azambuja Rangel, oficial da legalidade, assim esclarece o recolhimento do cartuchame:

Desde que Canabarro acampou nos Porongos, Francisco Pedro propalava constantemente que ele contava com o Batalhão de Canabarro e que quando se empenhassem em fogo ele faria fogo contra Canabarro, isto é, contra a gente de Canabarro. Sendo preso um oficial de Canabarro por Francisco Pedro, pediu a este que não o deixasse sofrer tantos trabalhos sendo deportado. Ele então respondeu que só se ele fosse trabalhar a favor do Governo com a Infantaria e que lá encontraria companheiros nesse serviço. Perguntou o dito oficial qual era esse companheiro. Francisco Pedro respondeu estar aí a chave do segredo mas que ele fosse trabalhando que haveria de encontrá-lo. Este oficial foi solto e apresentando-se ao general Neto, republicano, relatou semelhante fato e este o levou à presença de Canabarro. À vista disto mandou Canabar-

ro publicar uma ordem do dia procedendo ao recolhimento do cartuchame e declarando que seria distribuído por ocasião do combate".

Do que não é capaz a intriga!

A SURPRESA

Dez horas da noite. Saíam os últimos da barraca do general Canabarro. Silêncio profundo. Todos, menos Neto e sua cavalaria, dormiam na mais profunda despreocupação.

Antônio Vicente da Fontoura acabara de escrever uma carta à família, na qual se despedia dela e fazia o seu testamento, isto é: distribuía entre as filhas o que levava consigo: uma caixa de tintas, as chilenas de prata, um caiapim...

Súbito, todo embuçado um vulto sai da barraca de Canabarro e, escondendo-se sempre, penetra numa outra onde ainda havia uma pequena luz. Era o próprio general que, apaixonado, ia entregar-se a Morfeu nos braços da "safadíssima Papagaia". Ouviu-se ainda aí uns cochichos, leves sussurros. Depois, mais nada. Somente a luz das estrelas lançava um frouxo clarão sobre aquele acampamento que parecia morto.

Mais longe um pouco, porém, viam-se cavalos encilhados. Era a cavalaria de Neto que

"ÀS DUAS HORAS DA MADRUGADA, MAIS OU MENOS, UM RUMOR ESTRANHO DE FAZ OUVIR. EM SEGUIDA, UM TIRO DE ALARME E A VOZ DOS CLARINS CHAMANDO ÀS ARMAS."

dormia, mas alerta, com as rédeas de seus pingos na mão. Neto era o único que não confiava, embora Canabarro lhe tivesse dito que usua catinga afastaria o Moringue". E tinha razão.

Às duas horas da madrugada, mais ou menos, um rumor estranho se faz ouvir. Neto desperta, ouvido a escuta. Segundos depois ouve, distintamente, o tropel de cavalos e, em seguida, um tiro de alarme e a voz dos clarins chamando às armas.

Fidelis Pais, o temível Fidelis, vanguarda das forças do coro-

nel Francisco Pedro de Abreu, iludindo as sentinelas na escuridão da noite, espadas amarradas, cavalos a cabresto, aproxima-se tanto quanto possível do acampamento que dorme. Monta, em seguida, com seus 40 homens e, num ímpeto de tufão, invade o acampamento. Os republicanos mal tem tempo de se levantarem. Mas tentam reagir ao assalto. Inútil, porém. Secundando Fidelis Pais, entra, por outro lado o famoso Manduca Rodrigues, cujos atos de verdadeira temeridade lhe haviam dado fama de valente entre os mais valentes.

Forma-se o entrevero. Poucos tiros se ouvem. A infantaria, sem um cartucho sequer, tenta resistir à arma branca. O chão coagula-se de mortos e feridos. Vendo inútil a resistência, dispersa-se desorde-

REPRESENTAÇÕES DUVIDOSAS v

Embora frequentemente com grande beleza visual, a forma como a mídia, normalmente, apresenta a história, repleta de erros e estereótipos, resulta em interpretações problemáticas.



namente o batalhão dos negros de Teixeira. Canabarro, ao ouvir o tiro de alarme sai da barraca da amante mas, vendo-se perdido, foge a cavalo. Neto é o único que resiste ainda, heroicamente, dando, assim, tempo aos outros, de se afastarem. Mas vai cedendo, passo a passo e retira-se por fim, deixando os imperiais senhores do terreno.

A derrota fora completa. Nenhum general ficou prisioneiro, e nem mesmo ferido. Mas a República sangrava e gemia de dor. E lá fora, nos próprios arraiais farrapos, o nome de Canabarro andava de boca em boca cercado de maldições. O próprio Ministro Almeida, o sério e íntegro mineiro Domingos José de Almeida, maldizia Canabarro, e Bento Gonçalves da Silva mandara-lhe um desafio, duelo de morte, duelo como aquele de oito meses antes, que custara a vida ao infeliz Onofre. Canabarro, porém, recusou-se dizendo ser inocente. E concluiu: - Não se precipite. O tempo dirá a verdade e me fará justiça. A todos perdoou os insultos e ataques que lhe dirigiram. A todos, menos a um: a Chico Pedro.

No campo de Porongos ficaram, conforme a ordem do dia nº 180, de Caxias, e conforme as Memórias de Francisco Pedro de Abreu, cento e tantos entre mortos e feridos. Mais

de 330 ficaram prisioneiros, entre os quais o coronel Rolão, o Ministro da Fazenda, Viana, e 33 oficiais. Tendo, ainda, como troféus, mais de 2.000 cartuchos, grande quantidade de armas, mil e tantos cavalos, muitos dos quais encilhados, 5 estandartes e parte do arquivo de Ganabarro. Entre os prisioneiros ficaram, também, o cirurgião João Duarte e sua mulher, Maria Francisca, a Papagaia, que foram, depois, postos em liberdade indo, novamente, reunir-se às forças de Canabarro.

A Papagaia, porém, só teve licença de acompanhar o exército até Encruzilhada, onde ficou. Canabarro bem sabia que tinha sido ela a maior culpada da sua imprevidência. Por isso, num esfor-

ço supremo, resolveu abandoná-la. E abandonou-a para sempre. A lição fora dura, mas servira.

•
Nossos agradecimentos ao artista Vasco Machado pela gentil liberação do uso de suas belíssimas obras, que ilustram nossa capa e a abertura deste artigo.



SOBRE O AUTOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo O Tuiuti, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira.





O Assassinato dos Romanov

Magnicídio, Ocultação e
Deturpação Histórica

F. G. Dillenburg

Quando a Sérvia foi atacada pela Áustria, em 1914, devido à morte do príncipe herdeiro Francisco Ferdinando, a Rússia correu para auxiliar sua aliada. Vivia-se o tempo em que uma feroz disputa de influências movia a política nas Balcãs – o pan-eslavismo em virulento antagonismo com o pangermanismo – e qualquer perda de prestígio no jogo de poder da região resultaria em sérias consequências, em longo prazo. Logo, do ponto de vista do Tzar Nicolau II, a Sérvia deveria ser protegida, como um ponto de suporte às intenções russas.

O fato de que o atentado resultaria na longuíssima e mortal I Guerra Mundial ainda não era muito bem entendido pelas potências ocidentais, que moveram suas tropas com a certeza de vitórias fáceis; não poderia ser muito diferente no leste, sobretudo pelo curto entendimento político de Nicolau II. Aliás, sua decisão de assumir o compromisso da guerra foi um erro estratégico gigantesco, porque o Estado russo não possuía condições, humanas ou materiais, para sustentar combate.

A Rússia já havia sofrido uma derrota humilhante frente às forças japonesas, em 1905. Seu exército era composto, basicamente, por camponeses analfabetos, esfomeados e miseráveis, sem qualquer noção patriótica clara, ou ligação direta com o Tzar ou

com o restante da realeza, que vivia, preferencialmente, afastada das massas. O treinamento era insuficiente – quando havia – e as poucas armas, ultrapassadas. Não havia logística adequada, veículos modernos ou estoques de munição, nem alimentos disponíveis para um conflito prolongado.

O resultado, desse caos militar, logo se fez sentir. Em 1915, o Ministro da Guerra estava preso, depois de perder confronto após confronto. O Tzar, ensimesmado, assumiu o comando das tropas pessoalmente, mesmo com os inúmeros conselhos para

**“ALIANDO-SE A
PIOTR RASPUTIN - UM
FALSO PROFETA E
CLÉRIGO EVENTUAL -
ALEXANDRA ENTERROU
O QUE AINDA
RESTAVA DO PODER
MONÁRQUICO.”**

que não o fizesse – a partir de então, qualquer derrota não poderia ser atribuída a outrem, que não ele mesmo – e, como corolário à desgraça, enquanto cavalgava rumo ao front, no comando do país deixou a Tzarina Alexandra.

Alexandra, cujo nome de solteira era Alicia de Hesse-Darm

-stad, além de sofrer do mesmo mal do marido (a falta de esclarecimento político) era a sexta filha de um duque alemão e de uma princesa inglesa (filha da rainha Vitória). Os laços de parentesco entre as dinastias europeias causaram tragédias durante a I Guerra, mas a situação de Alexandra não poderia ser pior. Embora ela buscasse se tornar uma verdadeira russa, as derrotas que se sucediam levavam a população a canalizar seu ódio contra “a alemã”, como frequentemente a chamavam. Sua falta total de flexibilidade não ajudava. A Tzarina havia se convertido à Igreja Ortodoxa, mas frequentemente entrava em conflito com os clérigos (muitas vezes, com razão), sem consideração à opinião pública. Faltava-lhe tato, faltava-lhe a aproximação com o povo, faltava-lhe a noção de que não possuía habilidade suficiente para governar. Aliando-se ao aproveitador Piotr Rasputin – falso profeta, clérigo eventual e explorador da boa-vontade real – Alexandra enterrou o que ainda restava do poder monárquico. Os que detestavam o *status quo*, estavam com todos os argumentos – e as armas – nas mãos.

Em 1917, depois de ano e meio de catástrofes, o Tzar não possuía mais o respeito das multidões, e a Tzarina era odiada por todos. Revoltas,

motins, ataques, começaram a se multiplicar pelo país. Abriam-se, definitivamente, as portas para a revolução, ocasião que o rancoroso Lenin não deixaria, sob nenhuma hipótese, passar. Em profunda crise, e sem solução viável para sua permanência no poder, em março de 1917, Nicolau II renunciou à coroa e passou seu título para seu irmão menor, Miguel II (este sim, portanto, o último Tzar, ainda que somente por um dia). Foi Miguel quem assinou o último decreto monárquico russo, dando ao Governo Provisório Revolucionário os poderes de administrar, de fato, a nação. Ao renunciar, retirou-se para o campo, mas os bolcheviques não quiseram correr quaisquer riscos: prenderam-no, arrastaram-no para os Urais e o assassinaram, em um bosque, dez dias após o assassinato da família de seu irmão.

A ideia do Governo Provisório, composto por uma mescla política de todo tipo, inicialmente, era transformar a Rússia em um Estado parlamentar, semelhante aos que existiam na Europa ocidental. Mas seus planos nunca chegaram a se concretizar, pois as reviravoltas revolucionárias que colocaram os sanguinários bolcheviques no poder assinaram sua sentença de morte. Havia o receio de uma contrarrevolução, e o Tzar, como símbolo máximo do Estado, ainda que



sem autoridade, representava uma forte ameaça, principalmente por suas ligações com a monarquia da Inglaterra.

A família imperial foi feita prisioneira, levada para o Palácio de Tsarkoye Selo, nas redondezas de Petrogrado (atual São Petersburgo, antes Lenigrado), uma antiga casa de campo de Catarina, a Grande, agradável e espaçosa. De certa forma, a situação foi um alívio para Nicolau, que se via livre, afinal, da intrincada rede de intrigas políticas, que detestava. Ali, havia um pouco de sossego, longe dos infortúnios da guerra e dos movimentos populares, cada vez mais agressivos.

Neste contexto, interessante é o fato de que, por pouco, todos não acabaram se salvando da tragédia que, logo, se abateria sobre a família. Afinal, o Governo Provisório chegara a propor, ao Foreign Office, que os membros da monarquia russa fossem transferidos

TZARINA ALEXANDRA ^

Vítima do ódio bolchevique, como toda sua família, a Tzarina Alexandra morreu com seus filhos. Aqui, segura em seus braços a princesa Anastásia, ainda bebê.

para a Grã-Bretanha, o que foi, a princípio, aceito pelo Primeiro Ministro britânico Lloyd George (um inimigo da realeza, diga-se de passagem). A ideia era afastar, o mais rápido possível, a família imperial de qualquer possibilidade de alcançar, novamente, o trono. Do ponto de vista ocidental, como contraponto, havia o receio de que a Rússia firmasse um acordo de paz em separado com os alemães, e se Kerensky – o Presidente do Governo Provisório – pudesse ser adulado para evitar que isso acontecesse, franceses e ingleses certamente o fariam. Dar asilo à família russa era um problema que parecia pequeno, em vista da situação que se desenrolava.

Contudo, enquanto as condições ainda eram avaliadas, tudo desmoronou. Em 31 de

março, sob o comando do esquerdista Ramsay MacDonald, um grande baile aconteceu no Albert Hall, em Londres. Promovida pelo Partido Trabalhista (o qual MacDonald comandava), a festa foi organizada em celebração à queda da monarquia russa e à ascensão do poder vermelho, e foi recheada por discursos pró-bolcheviques.

O rei George V, horrorizado com o que via, repensou as negociações para trazer o primo Nicolau II e sua família à Inglaterra. Entendia que o fato poderia repercutir mal para a monarquia inglesa, com críticas e eventuais protestos. Por isso, cancelou todas as tratativas com o governo russo e selou o destino do Tzar. Dessa forma, sem coragem para enfrentar a oposição, George V condenava parte de sua família à morte.

Sem poder sair do país, Nicolau foi, assim, enviado, com a esposa e os filhos, à Sibéria. Com eles, seguiram o médico da família e alguns ajudantes. Três meses depois, em outubro de 1917, acontecia a segunda revolução, que colocou os soviets no poder, através dos bolcheviques. Uma guerra civil se espalhou pelo país, em mais uma catástrofe para a população, já tão miserável. Brancos e vermelhos promoveram verdadeiras carnificinas, disputando o governo, até que Lenin, promovendo

grandes e sanguinários expurgos, assumiu o comando.

Em abril de 1918, Lenin emitiu ordens para que a família real fosse trazida à Moscou. Já em viagem para a capital, o séquito foi interceptado por uma força armada e desviado para Ecatimburgo (antes Sverdlovsk), onde foi aprisionado em uma casa com as janelas cobertas, sem vistas para o exterior. O Príncipe Dolguroky, Ajudante de Campo do Tzar, e o marinheiro Nagornii, que cuidava do Tzarevich (o filho do Tzar era hemofílico e precisava de constante atenção), foram sumariamente mortos. Permaneceram, com a família, o médico, doutor Botkin, o cozinheiro, Iván Kharinotov, o valete Alexei Trupp e a dama de companhia da Tzarina, Ana Demídova.

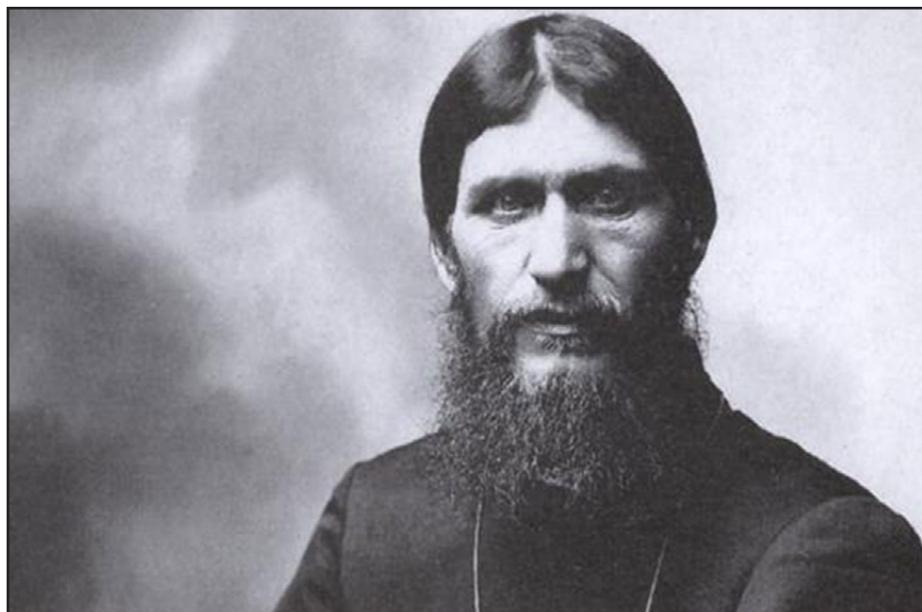
Em julho, Lenin decide pela morte de Nicolau. Conforme os diários de Trotsky, porque “não poderia ser deixado vivo

um símbolo para os brancos” (os mencheviques, inimigos dos bolcheviques, leninistas). De fato, forças mencheviques se aproximavam de Ecatimburgo, talvez com o objetivo de libertar o Tzar. Tenha sido ou não este o seu real objetivo, a questão é que isso passou a ser, posteriormente, enunciado como a justificativa oficial da URSS, a fim de explicar sua sede de sangue, na morte da família real.

O assassinato foi um ato sujo, injustificável em sua selvageria, porque não atingiu somente os adultos, rei e rainha – estes, a verdadeira fonte do temor – mas massacrou crianças inocentes e criados. Doze homens foram enviados para a execução, metade deles de-

FALSO PROFETA V

Piotr Rasputin explorou ao máximo a família real, supostamente por conseguir impedir sangramentos no pequeno Tzarevich, hemofílico. Auxiliou sobremaneira a queda dos Romanov.



setores do exército austríaco. Havia, ainda, húngaros e letões, no grupo. Imersos em covardia, os bolcheviques fizeram uso de traidores porque acreditavam que os russos não seriam capazes de atirar no seu Tzar (no momento do assassinato, os húngaros não atiraram, de qualquer forma).

À meia-noite, os cativos foram acordados. Disseram-lhes que seriam levados para outro local. Ninguém da família real provavelmente, desconfiou, porque havia, ainda, luta entre as facções que disputavam o poder, e o lugar poderia, de fato, ser inseguro, devido aos combates. Os guardas conduziram a todos para um quarto, no porão da casa. O Tzar usava um uniforme cáqui, com orgulho, por ter lhe servido quando comandava suas tropas (ainda que sem os galões de Coronel, retirados pelos captores). O Tzarevich Alexis envergava um uniforme de campanha de soldado da Guarda; as mulheres e as meninas usavam trajes de viagem. Em certa altura, a Tzarina pediu por cadeiras (duas foram trazidas), para que pudessem descansar. Com eles, suas malas, como que para lhes dar a segurança de que iriam, mesmo, viajar.

O ato foi vil, ao extremo: os homicidas chegaram de madrugada, amparados pela escuridão. A data era 17 de julho de 1918. Vieram batendo os

pés, fazendo muito barulho. A porta, aberta com violência, exibiu a família em um só grupo, as meninas receosas do que poderia acontecer. Yakov Yurovsky – o redator do informe secreto sobre a execução – gritou a sentença, dizendo que os soviets condenavam os Romanov à morte devido aos ataques de seus partidários contra a Revolução. O Tzar chegou a exclamar, segundo os escritos do assassino, “O quê?!” antes de receber dois tiros no peito. As armas dispararam, todas, de uma só vez, em uma orgia de sangue, num quarto de quatro por seis metros. Estavam todos tão perto, que os assassinos sofreram queimaduras pelo fogo das suas próprias armas.

Ao cessarem os disparos, estavam caídos Nicolau (que tinha o Tzarevich, de 14 anos, em seus braços), a Tzarina Alexandra, as princesas Anastásia (que faria 17 anos no dia seguinte), Olga, Tatiana e Maria. Esvaindo-se em sangue, junto a eles, também estavam o mé-

dico da família, o cozinheiro e os dois criados.

Mas não se completara, ainda, a ação: as meninas continuavam meio vivas, agonizando. Foram mortas a golpes de facção e despedidas de suas jóias. Tiros isolados foram disparados para acabar com os que ainda estavam moribundos.

Faltava dar um fim aos corpos. O Comissário Militar Ermakov, antes um conhecido pistoleiro, um bandido bolchevique, colocou os cadáveres em um caminhão e levou-os às minas de Verj Isetsk; mas seus homens, bêbados e enlouquecidos pela violência, disputando as jóias das princesas a socos e pontapés, não lhe obedeceram e, por isso, não foi possível lançar os corpos em algum poço abandonado. Quando Yurovsky chegou para verificar se

PRINCESAS v

As princesas Romanov, assassinadas a tiros e golpes de facção. Da esquerda para a direita: Maria, Anastásia, Olga e Tatiana, sentada.



a missão havia sido cumprida, vendo a baderna, expulsou a corja e assumiu o controle.

Os corpos estavam jogados, desnudos, em um buraco raso, porque ninguém se lembrara de levar pás ou picaretas. Yurovsky, então, teve a brilhante ideia de lançar granadas na cova, o que despedaçou parte dos corpos mas, obviamente, não os escondeu ou consumiu. Voltou na noite seguinte, com ácido sulfúrico e combustível, recolheu os corpos em pedaços e os colocou em um caminhão, porque já se espalhavam notícias de que o Tzar havia sido morto e seu corpo levado a uma mina.

Contudo, o veículo quebrou na metade do caminho pretendido, e Yurovsky resolveu colocar um fim ao problema ali mesmo, usando fogo e gasolina. Mas, mesmo depois de horas de queima, havia conseguido destruir apenas parcialmente o corpo do Tzarevich e de uma das meninas. Por fim, farto de tudo aquilo, ele enterrou os restos em um bosque, próximo a uma ponte, jogando ácido em abundância sobre os corpos, antes de lançá-los na cova.

Os mencheviques (russos brancos) tomaram Ecaterimburgo alguns dias depois. Buscaram os corpos, mas nunca os encontraram. Com o fim da guerra civil, a casa onde aconteceram as mortes tornou-se, durante um certo tempo, uma



A FAMÍLIA ROMANOV ^

Embora o Tzar e a Tzarina pudessem representar, de fato, uma ameaça, as crianças e os criados foram assassinados pela pura sede de sangue bolchevique.

espécie de museu, mas a visita ao fatídico quarto, no porão, nunca foi permitida. Em 1932, Stalin mandou lacrá-lo, e o restante do edifício passou a ser usado por repartições públicas do Partido.

A parede do quarto do assassinato, na qual as balas acabaram se alojando, foi vendida para um colecionador inglês. No ano de 1974, a casa foi declarada monumento histórico, e flores eram, eventualmente, colocadas junto à porta. Em 1977, o Politburo, através do ideólogo comunista Mikhail Suslov, mandou derrubar tudo, para eliminar a memória monárquica. O executante da abominável ação, para esconder os crimes do regime, foi o obtuso Boris Yeltsin – o mesmo que, alguns anos depois, destruiria o próprio regime.

Muitos mitos ficaram, derivados dos segredos que envol-

veram os assassinatos. Apareceram, através dos anos, mais de duzentas pessoas que se diziam sobreviventes nobres do crime, e uma quimérica fuga da Princesa Anastásia chegou a ser aventada. Nada, nem ninguém, entretanto, provou ser algo mais do que fraude. Análises de DNA puseram abaixo as pretensões de muitos golpistas.

Alexander Advonin, geólogo, e o escritor e cineasta Geli Ryabov, empreenderam uma busca memorável pelos restos dos Romanov. Decididos a encontrar e resgatar a memória da monarquia russa, obtiveram transcrições sobre as investigações feitas a propósito, bem como documentos e – quiçá a mais valiosa das fontes – as anotações do assassino

Yurovsky, feitas para a cúpula do Partido.

Em 1979, chegaram a encontrar esqueletos, mas não puderam divulgar o achado devido à situação política (corria a época de Brejnev e da Guerra do Afeganistão). Em 1989, entretanto, com Gorbachev mudando o país, os dois pesquisadores declararam, afinal, terem encontrado os restos da família real. Com a queda do comunismo, os valores históricos tomavam fôlego, e aparecia, mais uma vez, a oportunidade para estudos sérios sobre o Império.

Com o interesseiro Yeltsin no poder, sedento por apagar as profundas marcas da União Soviética, em 1991 foi nomeada uma comissão para exumar os restos e identificar a veracidade dos achados. Até 1995, a comissão trabalhou, fazendo uso, inclusive, de exames de DNA mitocondrial. Um descendente inglês da família auxiliou nos testes e, com a certificação de entidades norte-americanas e britânicas, foram reconhecidos os corpos do Tzar, da Tzarina e de três de suas filhas. Os corpos foram enterrados com honras de Estado, mas a Igreja Ortodoxa não os reconheceu, ignorando o trabalho científico. Somente dois anos mais tarde, os clérigos anunciaram sua aceitação, e canonizaram as vítimas como mártires.

Por fim, em 2007, encontraram-se os restos que faltavam: surgiram os corpos do Tzarevich e da princesa Maria, confirmados por testes na Europa e nos EUA.

O local da matança, hoje, possui uma catedral, denominada "Catedral de Sangue", cuja construção se deu, segundo a mística criada pelos russos, depois que uma cruz foi levada ao local por um cossaco, em 1990, e as nuvens se abriram no céu carregado, iluminando exatamente o local onde o símbolo estava sendo colocado. Tomada como um sinal divino, a visão resultou na construção do atual templo. As lendas se estendem aos relatos de uma anciã, que velava pela velha casa onde haviam sido mortos os nobres e que, à noite, ouvia cantigas, em vozes de meninas, vindas do outro lado da porta do quarto localizado no porão.

Ela jamais se atreveu a abrir a porta.

Referências:

CARR, E. H. **La revolución bolchevique (1917-1923)**. 3 vol. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

MASSIE, Robert K. **Nicholas & Alexandra**. Arizona: Phoenix Book Company, 2000.

MASSIE, Robert K. **The Romanovs: the final chapter**. London: Random House, 1995.

MAYLUNAS, Andrei, MIRONENKO, Sergei. **A lifelong passion: Nicholas and Alexandra - Their Own Story**. London: W&N, 1997.

PIPES, Richard. **História concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

REYES, Luis. **El exterminio de los Romanov**. La Aventura de la Historia. v 10, n 117. Madrid: Unidad, 2008.



SOBRE O AUTOR

Fabricio Gustavo Dillenburg tem formação em História e é fundador e responsável pelo Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis. Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, é autor de "**Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino**". Mais informações nos sites www.nucleomilitar.com e www.nucleomilitarblog.com.



FAHIMTB **18º Aniversário**

1º de Março de 2014

Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO

PRESIDENTE DA FAHIMTB, HISTORIADOR MILITAR E JORNALISTA

Em 1º de março de 2014 transcorreu o 18º aniversário de criação da FAHIMTB. Ela foi fundada como AHIMTB em 1º de março de 1996, data coincidente hoje com o 70º aniversário da instalação da AMAN em Resende e do 70º ano de envio da FEB para lutar na Itália em defesa da Democracia e Liberdade mundiais sob forte ameaça pelo nazismo/fascismo.

A AHIMTB foi acolhida inicialmente pela Associação Educacional Dom Bosco (AEDB) através do Coronel Antônio Esteves. Em 1999, foi acolhida pela AMAN em instalações externas, no comando do General José Mauro Cupertino, ao lado da casa do cadete Laranjeira do 4º ano. Instalação ampliada no comando do General Marco Antônio de Farias. A data de sua fundação coincidiu também com o término da Guerra do Paraguai há 144 anos.

Em 23 de abril de 2013, bicentenário da AMAN, a AHIMTB foi transformada em FAHIMTB com cinco AHIMTB federadas atuando com delegações específicas da FAHIMTB: AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, funcionando na AMAN junto com a FAHIMTB, entidades que foram acolhidas e instaladas no interior da AMAN no comando dos generais Edson Leal Pujol e Julio Cesar Arruda. E mais, a AHIMTB/DF Marechal José Pessoa, funcionando com sua sede no interior do Colégio Militar de Brasília. A AHIMTB/RS - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, instalada em dependência do centenário Colégio Militar de Porto Alegre. A AHIMTB/RJ Marechal João Batista de Mattos, com sua sede acolhida na Associação de Veteranos da FEB (ANVFEB) e a AHIMTB/SP General Bertoldo Klinger, em Sorocaba, com sua sede

junto ao Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

A FAHIMTB e AHIMTB/Resende Marechal Mario Travassos abrigam hoje em ampla sede situada ao lado do Clube de História da AMAN todo o acervo acumulado por esta presidência em 44 anos de atividade como historiador militar, e mais o produzido por seus membros acadêmicos em 18 anos sobre a História Militar das Forças Terrestres que elas desenvolvem (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares).

A FAHIMTB marcará o ano do seu 18º ano de profícua existência com a publicação do seguinte livro que integra tudo o que foi a Liberdade e Democracia Mundiais. Obra na qual constará tudo aquilo produzido até o presente sobre o tema com o título a seguir:

Brasil - Lutas contra Invasões, Ameaças e Pressões Externas (Em defesa de sua Integridade, Soberania, Integração, Independência; e da Liberdade e Democracia Mundiais)

A obra será composta das seguintes partes:

- Lutas do Brasil contra Invasões, Ameaças e Pressões Externas;

- Lideranças militares que mais se destacaram nestas

Lutas, com sínteses biográficas ou subsídios produzidos por membros da FAHIMTB, patronos de cadeiras, acadêmicos, sócios correspondentes e de outras categorias que permitam ao pesquisador e leitor interessados melhor conhecer o perfil desses bravos heróis portugueses e brasileiros.

- Bibliografia produzida sobre o tema ou livro com ele relacionada produzida por membros da FAHIMTB em suas diversas categorias e separadas por cada Luta, Ameaça ou Pressão Externa. Bibliografia que já ultrapassa 50 páginas do que foi possível obter. Pesquisa esta que será de permanente continuidade como indispensável Instrumento de trabalho da História de nossas Forças Terrestres.

- Relação e localização das orações de recepções de novos acadêmicos, bem como dos respectivos elogios de acadêmicos de seus patronos de cadeira e dos acadêmicos eméritos que os sucederam na cadeira.

A FAHIMTB está se dirigindo a todos os seus integrantes através dos presidentes de AHIMTB, para que, à semelhança do que foi feito com o livro Caxias e a Unidade Nacional, publicado pela AHIMTB em 2003 no centenário de seu patrono o Duque de Caxias, consigam contribuições financeiras para a edição da obra Brasil - Lutas contra Invasões Ameaças e

Pressões Externas... cujas 1ª e 2ª partes já se encontram prontas e na gráfica para composição, bem como a capa, da autoria do grande colaborador emérito GMC R.1 Carlos Norberto S. Bento, idealizador e administrador do site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

Em seu 18º Aniversário a FAHIMTB não pode deixar de agradecer e reconhecer pelo quanto ela deve nas suas realizações e existência ao apoio que recebeu nestes 18 anos da FHE-POUPEX, através de seus ilustres e solidários presidentes Gerais de Exército Clovis Jacy Burmann e Eron Carlos Marques e suas respectivas equipes.

A FAHIMTB agradece as colaborações de chefes do Exército, da Marinha e da Força Aérea que a apoiaram e prestigiaram inclusive como presidentes de Honra e, em especial, aos comandantes da AMAN que compreenderam a sua relevância para o Exército. E a todos os acadêmicos e acadêmicos eméritos correspondentes e Presidentes de AHIMTB e delegados de Delegacias da FAHIMTB que nela acreditaram e se empenharam ao máximo para que realizasse em 18 anos e, ainda, o melhor do que preservaram estas realizações para uso dos integrantes das Forças Terrestres do Brasil de hoje e do Amanhã.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

